

A ilha de França

PAULO ROBERTO MASELLA LOPES*

DOSSE, François (2007).
História do estruturalismo
Bauru, SP: EDUSC,
2v. ISBN 978-85-7460-331-5

RESUMO

A leitura do texto acompanha a narrativa sobre a história do estruturalismo a partir de camadas em que se assentam os campos disciplinares, as instituições de ensino, as publicações, os personagens e as obras que despontam na década de 1950, sacodem os anos 60 e que repercutem até nossos dias. Camadas que certamente se imiscuem, criando nódulos, pontos de acumulação, que evidenciam o caráter histórico de todo paradigma cuja percepção de credibilidade é assegurada através de depoimentos que o autor colhe junto a inúmeros de seus protagonistas, permitindo-lhes o distanciamento crítico necessário para avaliar e rever suas posições, e, ao leitor, acompanhar as rupturas, as inflexões, os refluxos e as idiosincrasias dessa história.

Palavras chave: estruturalismo, narrativa, história.

ABSTRACT

The reading of this book follow the history of Structuralism exploring it from layers in which stands the subject fields, the educational institutions, the magazines, the characters and the works that come out in the fifties, shake the sixties and have repercussions until nowadays. Layers that certainly blend together, creating nodules, accumulation points, that make evident the historical nature of each paradigm whose perception of credibility is assured through statements caught from its main characters allowing them the necessary critical distance to evaluate and review their positions and, for the reader, to follow the ruptures, the inflexions, the reflexes and idiosyncrasies of this history.

Key words: structuralism, narration, history.

* Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

R

A ilha de França

1. Dividido em dois volumes: *O campo do signo* e *O canto do cisne*.

AS MAIS DE mil páginas da *história do estruturalismo*¹ podem ser percorridas com a mesma paixão que se lê um romance em que os personagens épicos, aqui todos intelectuais, fazem de suas teorias objeto de disputas ideológicas e políticas, com suas intrigas e ações não poucas vezes terroristas. Como num romance histórico, talvez seja a França a protagonista desta narrativa que vai promover o embate entre dois paradigmas capitais para o pensamento do século XX. Embate que, ao final, não revelará vencedores, já que, desde o início, sempre houve uma tensão entre as teorias do signo e do sentido. Tensão que está presente no *Crátilo* de Platão e na gramática de Aristóteles, cruza a Idade Média na querela sobre os universais, alcança a modernidade com *Port-Royal* e atinge enfim a França que, a despeito de compartilhar com a Europa os efeitos das revoluções científicas, da crise da razão e dos valores humanistas no pós-guerra, parece ainda ser uma ilha que vive sua epopéia intelectual observando o mundo unicamente pela estreita brecha que a separa criticamente dos acontecimentos políticos que se desdobram no campo das ideologias socialistas – da URSS de Stalin à China de Mao – e nas lutas pela independência em suas colônias. Todavia, o sintoma de progressivo desencanto com o mundo no qual mergulha a Europa do pós-guerra vai repercutir na França de forma ambígua, pois, se por um lado, buscar-se-á refúgio no campo do signo, na interioridade do texto, nas estruturas da língua e nas invariantes dos códigos, ainda se flertará com o sentido histórico por meio do ideário libertário comunista a despeito da invasão soviética da Hungria, em 1956, e da primavera de Praga, em 1968. Esse viés político é, no entanto, distanciado, resultando na sedução com a figura do Outro, da alteridade, a possibilidade de recalcar aquele sujeito que se dizia portador dos valores absolutos, das verdades evidentes, senhor do curso da história.

O olhar em retrospectiva, privilégio do historiador que François Dosse usufrui, permite narrar essa história do estruturalismo a partir de camadas em que se assentam os campos disciplinares, as instituições de ensino, as publicações, os personagens e as obras que despontam na década de 1950, sacodem os anos 60 e que repercutem até nossos dias. Camadas que certamente se imiscuem, criando nódulos, pontos de acumulação, que evidenciam o caráter histórico de todo paradigma cuja percepção de credibilidade é assegurada através de depoimentos que o autor colhe junto a inúmeros de seus protagonistas², permitindo-lhes o distanciamento crítico necessário para avaliar e rever suas posições, e, ao leitor, acompanhar as rupturas, as inflexões, os refluxos e as idiossincrasias dessa história. Ao final, pode-se perceber que aquilo a que se chama de estruturalismo não passou de uma invenção, de uma construção sob a qual abrigaram-se disputas epistemológicas que, apesar de obedecerem a um

2. François Dosse entrevistou mais de cem intelectuais, dos quais mencionamos aqui alguns: Augé, Ducrot, Dumézil, Greimas, Kristeva, Lefebvre, Lévi-Strauss, Martinet, Nora, Todorov, Touraine, Vernant e Wahl.

programa comum que tinha na lingüística sua “ciência-piloto”³, não poderiam ter alcançado uma unidade, ainda que aparente, se não tivessem sido geradas num país chamado França que, a despeito de criticar o eurocentrismo, praticou seu habitual “francocentrismo”.

A “ilha de França” vive o espírito de uma época que terá em maio de 1968 seu ápice e seu ponto de inflexão. É um momento em que palavras ganham força, outras se desvanecem. Um movimento precisa renovar seu léxico. Assim, categorias como de sujeito e classe social saem de cena para entrada de outras supostamente mais críticas como de corte, grade, aparelho e conceito. A metafísica é substituída pela ontologia, o consciente pelo inconsciente, a transcendência pela imanência, o significado pelo significante e o referente some para dar lugar ao campo do signo. Do mesmo modo, aquelas disciplinas tradicionais, como a história, a psicologia e as letras, vêem sua hierarquia contestada sendo relegadas ao ocaso ou colocadas sob suspeita para que outras, mais críticas, surjam: antropologia, psicanálise, lingüística. Nesse cenário, é a filosofia a grande ameaçada pelo estruturalismo em sua ânsia por consolidar o campo das ciências humanas. Todavia, em sua eterna presunção de não perder a majestade, a filosofia consegue infiltrar-se no território estruturalista “alimentando-se de sua contribuição conceitual, não para alinhar-se com seus modos de classificação, mas para renovar e enriquecer o território do filósofo” (p.160, v.2). E o consegue não só porque muitos dos teóricos que se aventuraram pelo estruturalismo têm sua formação em filosofia, mas também porque outros – e ninguém como Foucault! – souberam bem conduzi-la aos humores e dissabores com que cada época se apresenta, possibilitando impor suas idéias e, ao final, vendê-las “como pãezinhos”. O que está em jogo em meados do século XX é o confronto entre seus principais paradigmas: o da tradição filosófica, encastelado no conservadorismo da Sorbonne e que tem na figura de Sartre seu ícone maior, e o de um modelo que se apresenta como crítico ao contrapor-se ao marxismo (hegeliano) e à fenomenologia⁴, propondo um método científico que garanta às ciências humanas a consolidação como campo autônomo de conhecimento.

Nessa disputa pela institucionalização dos campos disciplinares, no início mantidos à margem do ensino universitário, a recompensa é a criação de departamentos – e verbas – para os docentes dessa nova geração que, após maio de 68, terão assegurado o seu devido prestígio acadêmico, ainda que no plano teórico as conseqüências sejam ambíguas, já que o estruturalismo passará por um refluxo ao ver suas premissas sendo questionadas. O que há de fecundo nessa disputa dos campos disciplinares é a própria socialização dos saberes, rompendo as antigas clivagens, permitindo que especialistas de diversas áreas trabalhem em projetos comuns e que autores e teorias imiscuem-se numa

3. A constituição da lingüística como “ciência-piloto” é, aliás, o que caracteriza a ambição estruturalista ao situar a linguagem além de seu campo próprio de análise (a língua) e aquém de suas investidas metafísicas, atribuindo-lhe a função de dispositivo lógico-conceitual a ser aplicado às demais ciências humanas.

4. Embora o estruturalismo contraponha-se à fenomenologia e ao marxismo, é deles que, em parte, se alimenta em suas incursões especulativas como podemos perceber respectivamente em Derrida e Althusser.

dinâmica de influências e apropriações nem sempre confessas. Assim, Nietzsche será ouvido em Foucault, o traço de Heidegger marcará Derrida e seu conceito de *ek-sistência* repercutirá em Lacan. Kristeva conduzirá Bakhtin à França, mas será tomada pelo desconstrutivismo de Derrida e a psicanálise de Lacan. Este fará ressurgir Freud, enquanto aquele irá utilizá-lo para construir seu conceito de *différance*. Barthes será seduzido pelo Japão onde encontrará o signo liberto de seu significado.

É nessa rede apropriações que o estruturalismo aparece como uma história de encontros que tem Paris como lugar de passagem. Encontros como o de Kristeva e de Barthes, mas, acima de tudo, dos franceses com o pós-formalismo russo de Bakhtin, que aquela proporciona ao “abrir uma brecha na abordagem estruturalista a fim de introduzir nela uma dinâmica histórica, sair do fechamento do texto, ampliar a inteligibilidade dos textos literários” por meio de uma intertextualidade que também vai relançar o sujeito, ainda que anônimo, no campo da semiótica (p.77, v.2). Tais encontros também resultam em favores e é a partir do êxito de *As palavras e as coisas* que Foucault, com o apoio de Hyppolite, Dumézil, Vuillemin e Braudel, vencerá a disputa com Ricouer por uma cadeira no Collège de France onde já se encontrava Lévi-Strauss. Fortalecido, é Foucault quem vai então incluir Barthes, assim como Dumézil e Lévi-Strauss o farão a respeito de Vernant. Nessa história de encontros, as universidades e as filiações partidárias atravessam todas as fronteiras, principalmente em Vincennes, onde os cursos são montados a toque de caixa e as contratações são feitas quase sempre se levando em conta afinidades eletivas e não a competência. Do mesmo modo, as revistas⁵ servem não somente para a divulgação dos campos disciplinares então emergentes como também se sujeitam às vicissitudes de posições ideológicas que pendem do marxismo-leninismo, como *La Nouvelle Critique*, ligada ao PCF, ao maoísmo, como a polêmica e vanguardista *Tel Quel*.

O estruturalismo é também uma história de acasos e mal-entendidos e maio de 68 talvez seja o maior deles. Se por um lado, representa o ápice de um espírito crítico que procura demover a tradição enclausurada na Sorbonne arejando-a em suas bases com novas idéias, por outro lado, a revolta estudantil significa justamente a negação das premissas estruturalistas que anunciam o fim do sujeito em prol de uma lógica formal que despreza o eixo diacrônico. Afinal, o programa estruturalista recusa peremptoriamente o humanismo e suas categorias epistemológicas que, ancoradas na supremacia da razão, procuram dar inteligibilidade ao real. Assim, proclama com Foucault a “morte do homem”, com Barthes a “morte do autor” e, com Derrida, a premência da escritura. Tudo em nome do anonimato. É, no entanto, esse afastamento do sujeito que vai

5. P. ex: *L'Homme, Communications, La Linguistique, Langages, Tel Quel, La Nouvelle Critique, Semiotica, Esprit, Les cahiers marxistes-léninistes, Confrontation, La Psychanalyse, Scilicet, L'Inconscient, Change.*

provocar uma fissura no paradigma estruturalista a partir de 1966, quando se dá justamente seu apogeu. Além do gerativismo de Chomsky, que o compele para uma ciência cognitiva, e do desconstrucionismo de Derrida que o radicaliza no vazio de uma opacidade do sentido a despeito de ter-lhe inserido uma temporalidade, Benveniste também contribui para a crise do estruturalismo ao restituir-lhe um sujeito com sua teoria da enunciação, procurando aproximar os franceses da pragmática de Austin em um momento em que a formalização na lingüística está sendo levada ao paroxismo⁶.

O que se teme é o retorno do recalçado, e sobre este, pode-se sempre compartilhar da opinião de Vernant para quem não há por que se inquietar quanto ao destino do homem, pois “quando o expulsam pela porta, ele retorna pela janela” (p.124, v.2). E assim ocorre: atacado por todos os flancos, os principais mentores do estruturalismo vão recuar: “Cada um nega com veemência ter, alguma vez, participado do banquete estruturalista, e apresenta sua obra como sendo mais singular na mesma proporção que, ainda ontem, procurava por todos os meios situar seus trabalhos no interior da corrente coletiva de renovação estruturalista” (p.241, v.2). Somente Lévi-Strauss vai ainda manter-se convicto em suas posições ao preservar sobretudo o *método* estruturalista a despeito das investidas de alguns [especialmente Althusser] no campo especulativo.

A partir de meados dos anos 70, o paradigma começa a extenuar-se com a volta do engajamento político, ainda que diluído nos programas de minorias culturais em busca de visibilidade, com a necessidade de se pensar numa ética inserida nos movimentos de luta por democracia nos países periféricos, e também com o destino trágico de seus principais mestres. Todavia, o que parece dar unidade ao estruturalismo quando visto em retrospectiva histórica é sua vocação para o *isolacionismo*. Sem dúvida, não só Nietzsche e Heidegger foram decisivos para a desconstrução do sujeito, como Freud e Marx, ainda que revistos, também alimentaram a máquina estruturalista que não cessou de digerir em seus primórdios as contribuições do Círculo de Praga e Copenhague, ou mesmo, dos formalistas russos. O que seguramente a França não digeriu foram as críticas provenientes da pragmática americana e da filosofia analítica, seja da vertente de Carnap, ou de Frege e Wittgenstein, cuja repercussão, salvo raras exceções, foi pífia e abafada por Althusser. O que assegura, portanto, a unidade aparente do estruturalismo, tal qual como no advento da filosofia grega e da razão, não decorre de “puros fenômenos contingentes”, mas de sua contextualização histórica e geográfica. E é assumindo tais premissas e a despeito de uma vida autônoma dos conceitos – que há sempre de ultrapassar o espírito de seu tempo –, que a “ilha de França” torna-se o mundo. Mundo que, embora o autor não afirme, torna-se então pós-moderno.

6. Sobre este aspecto, é curioso perceber que “os estudantes de Nanterre eram informados da problemática de Benveniste pelo filósofo Ricouer e não pelo lingüista Dubois” (p.69, v.2), o que denota o receio de lingüistas, como Greimas, de que o esforço dos estruturalistas por afastar o psicologismo, a fenomenologia e a hermenêutica do rigor científico na análise do discurso viessem a ser suprimidos com o retorno do recalçado.

